

Brasil dirá na Unctad que a crise é de todos

JANOS LENGYEL

Correspondente

GENEBRA — A crise brasileira não é um fenômeno isolado, mas parte da crise geral e, se o Brasil, como outros países em dificuldades, como México ou a Argentina, se afundarem, seria o fracasso de todo o sistema econômico que se criou a partir de Bretton Woods, advertiu o Embaixador George Maciel, que chefiará a delegação brasileira na Sexta Reunião da Unctad, a se realizar em Belgrado em junho. Maciel define como tarefa primordial da conferência procurar soluções para os problemas de moedas e finanças, temas que mais interessam, no momento, dentro da vasta agenda da conferência. A Unctad debaterá também as questões do comércio internacional e, em particular, o comércio mundial de produtos de base.

— O Brasil não reivindica tratamento especial, como não vai defender outros propósitos senão aqueles que foram definidos na "Plataforma de Buenos Aires", estabelecidas em Cartagena pelas nações latinoamericanas — anunciou o Embaixador brasileiro, admitindo, contudo, que cada região e cada país poderá ter suas próprias propriedades, que definirão a linha de conduta da sua representação em Belgrado.

Os debates em torno de um quarto item, designado como tema dito da agenda geral, serão os mais importantes e poderão definir o sucesso ou o fracasso da sexta Unctad: as recomendações que a Conferência fará sobre a integração e convergência de todas as resoluções numa mesma política econômica internacional. Nesse particular, muito dependerá da atitude que assumirão os países desenvolvidos e o comportamento que adotarão, em relação à crise — que, repetiu Maciel, não é unicamente dos países em desenvolvimento:

— A crise atual — disse ele — é geral, devida a diminuição da demanda no âmbito internacional, mas também, internamente, em cada uma das nações que estarão presentes na Conferência. Diante disso, a meta fundamental consiste na reativação global das economias, tanto dos países ricos como dos menos industrializados, do maior até o menor.

SEM CONFRONTAÇÃO

Diante da generalização da crise, não há mais lugar para as confrontações entre países ricos e pobres, como também não se pensará mais enfaticamente, em Belgrado, nas divergências Norte-Sul:

— A reunião dos países ricos, em Williamsburg, há de definir a posição das nações industrializadas e, mesmo não havendo na sua agenda referência específica aos países em desenvolvimento, seria inconcebível que esse tema não viesse a formar uma das bases da definição do comportamento do chamado "Grupo B" (dos países industrializados) em Belgrado — acentuou. As dificuldades atuais são de todos e, dentro da interligação agora evidente da economia mundial, não podem ser separados ricos e pobres, os países do Norte ou do Sul.